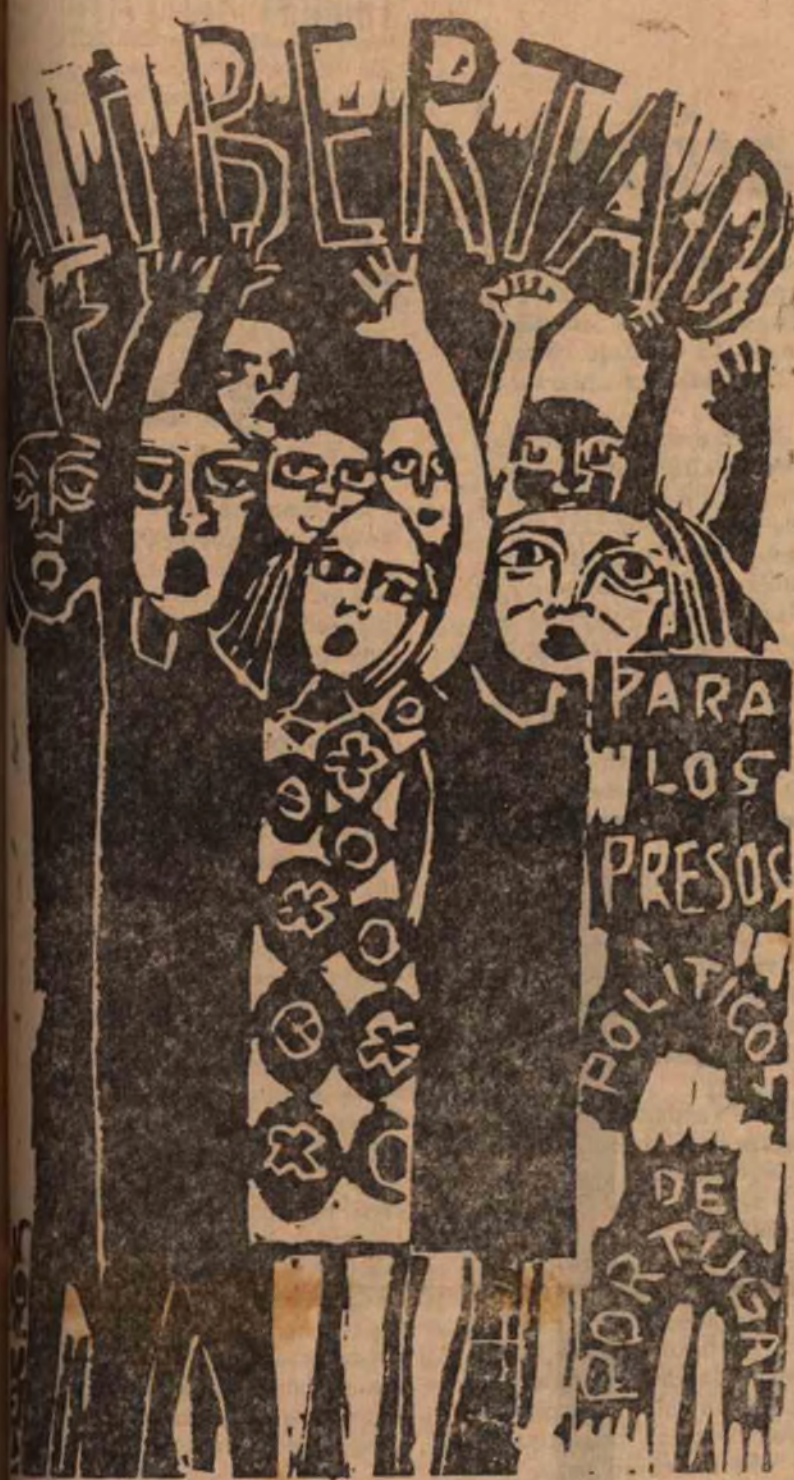


PORTUGAL DEMOCRATICO

XI — N.º 115 — S. PAULO, FEV./MARÇO DE 1967 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191. — SALA 2 — CAIXA POSTAL — 6248



A máquina enquiçada

Uma das características da situação atual do regime de Salazar é a incapacidade de levar a termo qualquer programa sério para resolver, ou sequer atenuar, o desesperado problema que enfrenta nas colónias de África. O aparelho repressivo do regime, que já foi onipotente, faz hoje figura de um velho leão desdentado quando tem de fazer face às populações sublevadas daqueles territórios. Foi-se o tempo em que passavam no silêncio e na impunidade as chacinas de milhares de africanos nas plantações, nas colónias penais e nos portos e os incontáveis assassinios isolados de trabalhadores, em todos os pontos dos domínios coloniais em represália à mais leve tentativa de defenderem os seus direitos.

Não conformadas com esta realidade, as esferas dominadas pela paixão colonialista, parecem por vezes possuídas de delírio ao manifestarem-se sobre ela.

Para avaliarmos bem a distância que existe entre os fatos e a visão que deles têm — ou pretendem ter — os ideólogos colonialistas, é interessante vermos quais eram as suas perspectivas de há um ano atrás.

O *Jornal Português de Economia e Finanças*, porta-voz dos grandes interesses monopolistas que exploram as riquezas ultramarinas, (a sua renda de anúncios provém quase exclusivamente de grandes companhias coloniais), expunha em editorial do seu número 150, de janeiro de 1966, o que devia ser o primeiro dos objetivos do País no ano que acaba de transcorrer. Sob o título de *África. Esmagar o Terrorismo*, defendia o J.P.E.F. que "esmagar definitivamente as atividades terroristas na Guiné, em Angola e Moçambique deve, necessariamente, estar na base de toda a política nacional". Para aquele porta-voz dos interesses colonialistas "não há programas de expansão económica e de promoção social dos povos portugueses que se possam comparar a tal objetivo". Daí passava o J.P.E.F. à defesa dos grandes meios: a tropa precisa de munições abundantes e de equipamento moderno, a cujo custo há que atender. Apenas contam os fins em vista e à Nação (isto é, ao povo) deverão ser exigidos todos os sacrifícios em que isso implicar. E' preciso intensificar a utilização de unidades profissionais (mercenários?) e uma maior participação de tropas africanas. A guerra é uma atividade cara — diz o artigo citado — que não admite economias nem se deixa pautar por orçamentos. Os interesses supremos da Nação (isto é, das oligarquias colonialistas) exigem portanto, do povo, mais fome, mais sacrifícios e mais sofrimento, e o povo não tem senão que sujeitar-se. Como

CONTINUA NA PAGINA 7)

Vaga de repressão contra intelectuais

Os intelectuais são, de momento, as grandes vítimas da repressão salazarista.

O escritor e dramaturgo Stau Monteiro foi prêso em dezembro do ano passado, ao mesmo tempo que o seu último livro, motivo da sua prisão, foi apreendido. Foi fechada a Editora responsável pela publicação.

Fernando Namora, cujo último romance, *Domingo à Tarde*, acaba de sair em Paris, em tradução francesa, é vítima de medidas de repressão que atingem toda a sua obra. A imprensa está proibida de publicar a mínima palavra, a mínima nota, sobre os seus romances, ou mesmo, sequer, fazer publicidade de qualquer dos seus livros. O nome de Fernando Namora é até proibido de figurar em anúncios de obras de que ele é co-autor.

Medidas semelhantes atingem outros escritores, tais como Urbano Tavares Rodrigues, Natália Correia e a poetisa católica Sophia de Mello Breyner Andresen. A Urbana Tavares Rodrigues foi-lhe apreendida a 2.ª edição do livro *As aves da madrugada*. É a terceira obra sua apreendida pela PIDE em seis meses. Natália Correia viu proibida uma antologia de poesia por ela selecionada. A Editora responsável pela publicação, foi perseguida.

O advogado, monárquico e católico, Francisco de Sousa Tavares, foi prêso, tendo sofrido durante 48 horas o suplício da "estátua". Francisco de Sousa Tavares foi libertado ainda no mês de dezembro do ano que passou, mas Stau Monteiro continua prêso.

Um grupo de 70 intelectuais, escritores e artistas, enviou uma moção de protesto ao almirante Américo Tomaz, tendo-se entre os 70 signatários, Ferreira de Castro, Fernando Namora e Urbano Tavares Rodrigues. Nessa moção de protesto pede-se também que seja revogada a medida que proibiu a continuação das atividades da Editora Minotauro, responsável pela publicação do livro de Stau Monteiro.

Ao protesto dos intelectuais, dos escritores e artistas portugueses, tendo mesmo à cabeça alguns dos mais visados pela repressão salazarista, outros protestos se seguirão. A opinião pública internacional é solidária dos intelectuais, escritores e artistas portugueses, tal como é solidária do Povo Português, na sua luta contra o fascismo salazarista.

Ainda há bem pouco tempo, foi mercê dos protestos e da solidariedade da opinião pública nacional e internacional que os anti-fascistas e patriotas Joaquim Ribeiro e Maria da Conceição Matos foram libertados. E serão os protestos dessa mesma opinião pública nacional e internacional que libertarão o escritor e dramaturgo anti-fascista e anti-salazarista Stau Monteiro.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

Das Ilusões Legalistas à Falsa Unidade

Miguel Urbano Rodrigues

Os democratas portugueses dirigidos em Novembro do ano findo, enviaram uma mensagem ao chefe do Estado português, exigindo a deposição de Salazar como condição indispensável à instauração da democracia em Portugal. A publicação do documento não foi autuada e três dos signatários foram presos. Por outro lado, a PIDE tomou medidas intimidatórias contra outros, recorrendo inclusive à apreensão de obras literárias da sua autoria.

A hostilidade do governo e do aparelho policial para com as atividades em causa contribuiu para criar no espírito de muitos posicionistas, em Portugal, a impressão de que se achavam ante uma iniciativa de carácter positivo, que de ser aplaudida por todos os democratas. "Portugal Democrático", entretanto, logo no seu número de Dezembro, manifestou-se em

desacordo com o documento e os seus objectivos.

Não é tarefa agradável opor reparos e formular críticas ao trabalho de companheiros de luta que de algum modo desafiam o regime e se expõem ao revide deste. Mas quando essa discordância gira em torno da questão fundamental da libertação do povo português é um dever manifestá-la.

Contribuímos para a divulgação da mensagem dos 118 pela imprensa brasileira. Era um fato consumado e, como tal, tínhamos democráticamente de recebê-lo. Mas discordamos do documento na forma e no fundo.

Não cabe neste breve comentário uma análise em profundidade do longo texto. Nele há aliás muita coisa que merece a nossa concordância, principalmente na parte de denúncia e desmascaramento do Es-

CONTINUA NA PAGINA 7)

Nesta edição:

- A QUESTÃO DE MACAU (pág. 3)
- RECRUTAMENTO E ORGANIZAÇÃO (pág. 5)
- DESABAFO DE UM EMIGRANTE (pág. 2)
- A GUERRA COLONIAL, DESASTRE NACIONAL (pág. 2)
- UM ARTIGO DE "LE MONDE" (pág. 7)
- HORÁCIO GRADIM (pág. 8)

A Guerra Colonial Desastre Nacional

De qualquer forma, apesar das oscilações que venha a haver nas operações militares, a luta em Angola e Guiné só virá a terminar quando os povos respectivos conquistarem a independência.

A continuação da política de guerra nas colónias, que sofreu já a primeira estrondosa derrota na Índia, e sofrerá derrotas ainda mais estrondosas, custará cada vez mais caro ao povo português, em vidas, privações, em sobressaltos.

Os fascistas e colonialistas dizem que as colónias são necessárias a Portugal, que das colónias tem dependido e depende o progresso e o desafogo económico do país.

A economia portuguesa é de há muito uma economia deficitária. Portugal tem comprado sempre muito mais do que aquilo que vende.

O turismo e as remessas dos emigrados têm representado no conjunto uma apreciável fonte de divisas. Mas, admitindo embora que, no conjunto alcancem a média anual de 1 milhão e 500 mil contos, ficamos ainda muito longe de cobrir o deficit da balança comercial.

Nos últimos anos, com os encargos resultantes da política de guerra do governo fascista, a balança de pagamentos acusou deficits que, a continuarem, poriam em perigo o frágil equilíbrio financeiro e a cotação do escudo.

Esta situação e perspectiva mostram bem o que tem representado a exploração colonial para o nosso país. Constituindo uma fonte cómoda de recursos para os monopólios portugueses, tem dispensado estes da necessidade de impulsionar o desenvolvimento da economia portuguesa.

rem, os monopólios portugueses e o governo fascista recorrerão mais e mais ao capital estrangeiro, entregarão mais e mais Portugal ao domínio imperialista estrangeiro.

Com o desenvolvimento da luta libertadora nas colónias, acentuar-se-á a tendência para que os colonialistas portugueses tenham uma quota cada vez mais pequena e os estrangeiros uma quota cada vez maior na exploração dos povos coloniais.

A libertação das colónias portuguesas não é apenas de justiça para os respectivos povos. Ela é também uma imperiosa necessidade para a libertação do povo português.

Os fascistas e colonialistas revelam-se verdadeiros traidores nacionais. E os portugueses que lutam pelo reconhecimento do direito dos povos coloniais à independência, confirmam ser os verdadeiros patriotas.

A política colonialista do governo é um crime contra os povos coloniais e um crime contra o povo português.

A guerra colonial é um vergonhoso empreendimento condenado a completo fracasso. Bem pode o governo fascista jogar na guerra todos os recursos nacionais, endividando e empenhando o país.

Se não fôra a política dos colonialistas, as relações amistosas do Estado português com futuros Estados independentes de Angola, Moçambique, Guiné e outros, poderiam suceder ao termo da dominação colonial.

Alguns sectores da grande e média burguesia portuguesa começam a compreender o beco a que está conduzindo a política de guerra de Salazar. Temem que de tal política resulte a perda total das posições nas colónias.

Traduzindo as mesmas preocupações de sectores de grande e média burguesia, há anti-fascistas que, a coberto da "adesão ao princípio da auto-determinação", procuram apenas encontrar uma nova forma de manter o domínio colonial.

Tais manobras não correspondem aos interesses e aspirações do povo português e dos povos das colónias portuguesas.

Nós apoiamos na medida das nossas forças a justa luta dos povos das colónias portuguesas.

Desabafo de um emigrante

"A pessoa que lhes escreve é um português, que teve a felicidade de poder sair de Portugal em 2 de Dezembro de 65 e vir residir e trabalhar para este país, na cidade de Nova Friburgo.

Depois de três anos de casa em 1955, como o meu ordenado não tivesse sofrido qualquer aumento, escrevi aquele senhor solicitando-lhe o aumento.

Este pequeno arrazoado serve para que os portugueses residentes neste país há bastantes anos não acreditem na propaganda que por aqui se faz acerca de Portugal e de Salazar.

Antonio da Conceição, Nova Friburgo

Heliodoro Caldeira

Faleceu em Lisboa, no fim do ano que passou, o advogado Heliodoro Caldeira.

Desde sempre os advogados portugueses tiveram um lugar de destaque no combate ao fascismo salazarista e na defesa da Democracia e da Liberdade.

Heliodoro Caldeira foi toda a sua vida um destes advogados. Heliodoro Caldeira esteve sempre pronto a defender as vítimas da opressão fascista.

Portugal Democrático associa-se à grandiosa manifestação de pesar que

Salazar Vassalo em Macau

A tensão reinante em Macau, que vinha servindo de tema a comentários quase humorísticos das agências noticiosas internacionais, parece ter chegado ao seu termo. O acordo provisório firmado pouco depois dos incidentes em que a polícia fascista matou oito chineses, foi no dia 13 de janeiro substituído por um acordo formal que assinalou a capitulação do governo de Lisboa em face das exigências dos representantes do governo da República Popular da China. A assinatura do estranho "tratado" sobreveio após uma semana de vexames infligidos pela população chinesa da colônia aos dois ou três mil portugueses ali residentes.

Nos termos do acordo, o governo português terá de indenizar com 360.000 dólares as famílias das vítimas dos choques de novembro e dezembro, reconhecendo ainda a sua plena culpabilidade nos incidentes, comprometendo-se, de futuro, a agir em todas as circunstâncias segundo as instruções da República da China.

Todos esses fatos, amplamente divulgados pela imprensa internacional, não têm impedido a propaganda fascista de se mostrar eufórica com o término dos acontecimentos, transmitindo o ultimatum chinês em negociações honrosas entre duas capitais secularmente aliadas. O ridículo atinge as mais altas proporções nas réplicas idiotas da diplomacia salazarista relativas à expulsão da gente da camarilha fascista de Chang Kai-Shek. Agora, para o sr. Nogueira e para Salazar, os agentes do grande aliado da véspera, do aduto ditador da Formosa, foram expulsos de Macau por motivos de segurança...

Nenhuma dúvida resta de que o único poder real em Macau é o de Pequim. Essa circunstância, contudo, torna ainda mais absurdo o modus vivendi a que chegaram as autoridades chinesas e salazaristas. A verdade é que ambas as partes perderam a face. Salazar porque se viu forçado a mendigar, para que a República vizinha continuasse tolerando a presença da sua administração fantasma em Macau. Pequim porque, podendo com um simples gesto pôr termo ao status colonial de Macau, preferiu, para todos os efeitos diplomáticos, reconhecer aquilo que é uma ilusão: a existência da soberania portuguesa na velha cidade. Criou-se assim a mais paradoxal das situações, uma situação que o semanário tunisino "Jeune Afrique" definiu irónicamente, lembrando que se assistia em Macau ao inimaginável: o colonialismo protegido pela Revolução. E é de facto um verdadeiro Protectorado que o governo de Pequim instituiu na menor das colônias do Portugal fascista.

Em Janeiro findo faleceu um dos poucos membros da hierarquia do clero português que, longe de colaborar com o fascismo, soube sempre, com exemplar dignidade, condenar as suas arbitrariedades e violências, transformando-se para Salazar num adversário temido, pois nunca se conformou com a guerra colonial desencadeada contra as populações de Moçambique e particularmente contra as da sua diocese: o bispo da Beira.

O Exemplo do Bispo de Nantes

Infelizmente, a excepção não faz mais do que confirmar a regra. Casos como os dos bispos do Porto e da Beira são verdadeiras anomalias na igreja portuguesa. Nela, os maus exemplos vêm de cima, do próprio chefe, o cardeal Cerejeira, grande amigo de Salazar e multimilionário com interesses nos maiores monopólios nacionais e estrangeiros. O venerando antistite, que ultrapassou há muito a idade sugerida pelo Papa para a reforma dos bispos, está perfeitamente identificado com a linha geral da política fascista e não perde a oportunidade — desde as homilias patrióticas até à organização dos seus capelaes castrenses — de manifestar o seu apoio à guerra colonial.

Essa aliança ostensiva do alto clero com o fascismo é, aliás, um dos problemas que mais preocupa o número cada vez maior de católicos que participa organizadamente da luta do povo português contra o regime de Salazar. Os líderes da democracia cristã não escondem o seu desgosto ante o facto de a hierarquia da igreja portuguesa ser hoje a mais reaccionária de toda a Europa, só comparável em seu obscurantismo medieval à de alguns países latino-americanos. Que as coisas não são assim por todo o lado, acaba de o provar o bispo de Nantes, recusando-se terminantemente a comparecer na solenidade do lançamento à água dos barcos de guerra — 4 "escoltadores" e 4 submarinos — que estão sendo construídos nos estaleiros daquela cidade sob encomenda do governo de Salazar e que se destinam à guerra colonial. Habitudo à docilidade colaborante dos bispos portugueses, o ministro da Defesa salazarista, GOMES DE ARAUJO, cometeu o erro de convidar o bispo de Nantes para "abençoar" esses navios de

A Luta Contra a Carestia

As previsões feitas nestas colunas de que o chamado "imposto de transações" ia provocar uma alta do custo de vida e particularmente uma subida vertiginosa dos preços dos géneros de primeira necessidade, já se confirmaram, agravando as dramáticas condições de existência do povo português.

Alguns artigos, como o peixe, a carne, os ovos e a fruta continuam em alta, após sucessivos aumentos. A carne de vaca para cozer passou de 28\$00 para mais de 30, enquanto a carne de primeira (bife e assado), que antes custava 40\$00 custa agora de 46 a 50\$00 (quase 4.000 cruzeiros o quilo). A carne de carneiro, de segunda, obtém-se agora a 30\$000, e a de primeira a 35\$00, preços jamais atingidos em Portugal. Por outro lado, os ovos, que tendem a desaparecer, açambarcados por especuladores, subiram de 14\$00 para 18 e 20\$00 a dúzia (aproximadamente 1800 cruzeiros). O bacalhau, alimento tradicionalmente popular subiu de 20\$00 para 27\$00. A pescada grande chega a ser vendida a 60\$00 o quilo (5.000 cruzeiros). A fruta, essa passou a ser artigo de luxo, vendendo-se a preços inacessíveis à grande maioria da população. Certas qualidades de arroz, melhores, são vendidas a 10\$00 o quilo. Por outro lado, a UCAL, que possui o monopólio do abastecimento do leite reduziu o fornecimento do produto em 50 por cento, como manobra inicial de uma campanha para elevação do preço. E o aumento do pão para breve é uma certeza.

A dramática situação que a economia popular atravessa em face dessa alta generalizada de preços não impediu o governo de encarar favoravelmente um pedido das companhias fornecedoras de electricidade para aumentar os preços da energia. Fala-se ainda em elevação do preço dos transportes coletivos em Lisboa e das tarifas da CP.

Panorama desolador para as classes trabalhadoras, como se verifica. Os aumentos salariais verificados são de modo geral irrisórios e sempre bem inferiores à subida de preços causada pelo "imposto de transações". Nas maiores empresas metalúrgicas os operários qualificados ganham de 40 a 50\$00 em média; no ramo das conservas de peixe, as mulheres ganham de 22 a 32\$00 e os homens menos de 40\$00; os mineiros de superfície recebem de 26 a 32\$00 e

ganham em sua imensa maioria ordenados mensais inferiores a 2.000\$00.

A conclusão a tirar de tudo isto só pode ser uma: se os trabalhadores cruzarem os braços e esperarem uma solução vinda dos seus inimigos, isto é do governo e dos seus aliados, a sua situação, já de si angustiosa, agravar-se-á ainda mais. As autoridades fascistas e o patronato já demonstraram que perseguem a miséria das massas operárias e camponesas como objetivo essencial ao êxito da sua política. Reivindicações isoladas desta ou daquela categoria profissional não serão, por outro lado, atendidas. Só a luta organizada numa ampla frente, de que participem as massas do campo e da cidade, poderá obrigar o governo fascista e o patronato a cederem. O simples descontentamento, os protestos individuais nada resolvem. Urge, isso sim, transformar o descontentamento em ação. Só unida e organizada, a classe operária, com a ajuda poderosa das massas rurais, poderá lutar vitoriosamente pelos dois objetivos imediatos que persegue: o aumento dos salários e a baixa de preço dos géneros de primeira necessidade.

O Ultimo Colóquio Luso-Brasileiro

Realizou-se há meses nos Estados Unidos mais um Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. O Portugal de Salazar enviou, como de costume, uma "delegação oficial". Portugal foi, mais uma vez, o único país a enviar uma "delegação oficial". Dos restantes países participantes, havia delegados. Delegados livres de pensar, livres de expor, aquilo que livremente lhes ditava a sua consciência de intelectuais livres. Segundo informações de participantes de outros países — e participantes nada suspeitos de parcialismo —, os membros da chamada "delegação oficial" portuguesa não tinham este privilégio: a liberdade. Parece que era mesmo difícil falar com algum dâles, se este não estivesse rodeado por outros delegados da "delegação oficial". O comportamento de tal "delegação" foi logo de início de tal modo estranho que os americanos, organizadores do Colóquio, se apressaram a esclarecer, na sessão de abertura, que não iria haver gravadores nas salas... Para bom entendedor meia palavra basta... Isto queria apenas dizer que os congressistas portugueses poderiam falar à vontade, poderiam falar livremente, pois não correriam o risco de se verem amanhã, em Lisboa, metidos na prisão em circunstâncias de não poderem negar aquilo que nas sessões do Colóquio tivessem afirmado. Mas nem assim mesmo foi possível libertar do medo os congressistas portugueses menos bitolados pelo Salazarismo. Eles lá tinham as suas razões. Um exemplo bastará para os compreendermos. Em determinado momento, numa das sessões, um congressista estrangeiro propôs que, no temário dos próximos Colóquios fosse incluída a História das Idéias. Logo o dr. An-

de do Porto, se levanta para discordar veementemente. E porquê? Ele explicou: "introduzir no temário a História das Idéias seria introduzir a política no Colóquio" (III...). O dr. Armando Cortesão, chefe da delegação oficial portuguesa, interveio imediatamente para discordar do hilariante dislate do salazarista do Porto.

Este Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros nos Estados Unidos provou, uma vez mais, que não é possível conciliar a vida intelectual, a ciência, a arte, a cultura, com o salazarismo. A vida intelectual, a ciência, a arte, a cultura, são possíveis à margem do Salazarismo. São possíveis contra o Salazarismo, mas nunca com o Salazarismo. O dr. Armando Cortesão, agora chefe da chamada "delegação oficial", foi um grande historiador, realizou uma grande obra científica, mas realizou-se à margem do Salazarismo, contra o Salazarismo, perseguido, exilado, durante uma vintena de anos. Lamentamos profundamente que ele seja hoje uma caução do Salazarismo Obscurantista. Mas o dr. Armando Cortesão é uma infeliz excepção na vida intelectual portuguesa dos últimos 40 anos, pois os intelectuais portugueses, os verdadeiros intelectuais portugueses, têm sabido viver e morrer contra o fascismo salazarista, têm sabido viver e morrer mantendo a sua dignidade de cidadãos e de intelectuais livres, apesar de cidadãos e intelectuais de uma Pátria amordaçada.

Ainda o Assassínio do General Delgado

Os advogados espanhóis Mariano Robles Romero e Jaime Cortezo, advogados da família do General Humberto Delgado fizeram no passado mês de dezembro um último apêlo às autoridades portuguesas para que estas levantem o "muro de silêncio", ameaçando o Governo fascista de Salazar de levar o caso à Organização das Nações Unidas.

Entretanto, em Roma, prossaque o interrogatório e processo do médico fascista italiano Ernesto Bisogno, e do agente da P.I.D.E. Mário de Carvalho.

Por outro lado, os advogados espanhóis, afirmaram: Esperamos que a justiça portuguesa esclareça e condene, na forma devida, os assassinos do General Humberto Delgado, uma vez que os acusados são portugueses, um deles um Comissário da P.I.D.E., e estão em território português.

Uma vez mais o "muro de silêncio" se não levantará, pois o Governo de Salazar não pode confessar o crime de que foi o autor.

Cabe aos democratas portugueses, com o auxílio da opinião pública nacional e internacional, forçar o "muro do silêncio", e não deixar esquecer o hediondo crime de que foi vítima o General Humberto Delgado, e a sua secretária, a cidadã brasileira Arajarir Campos.

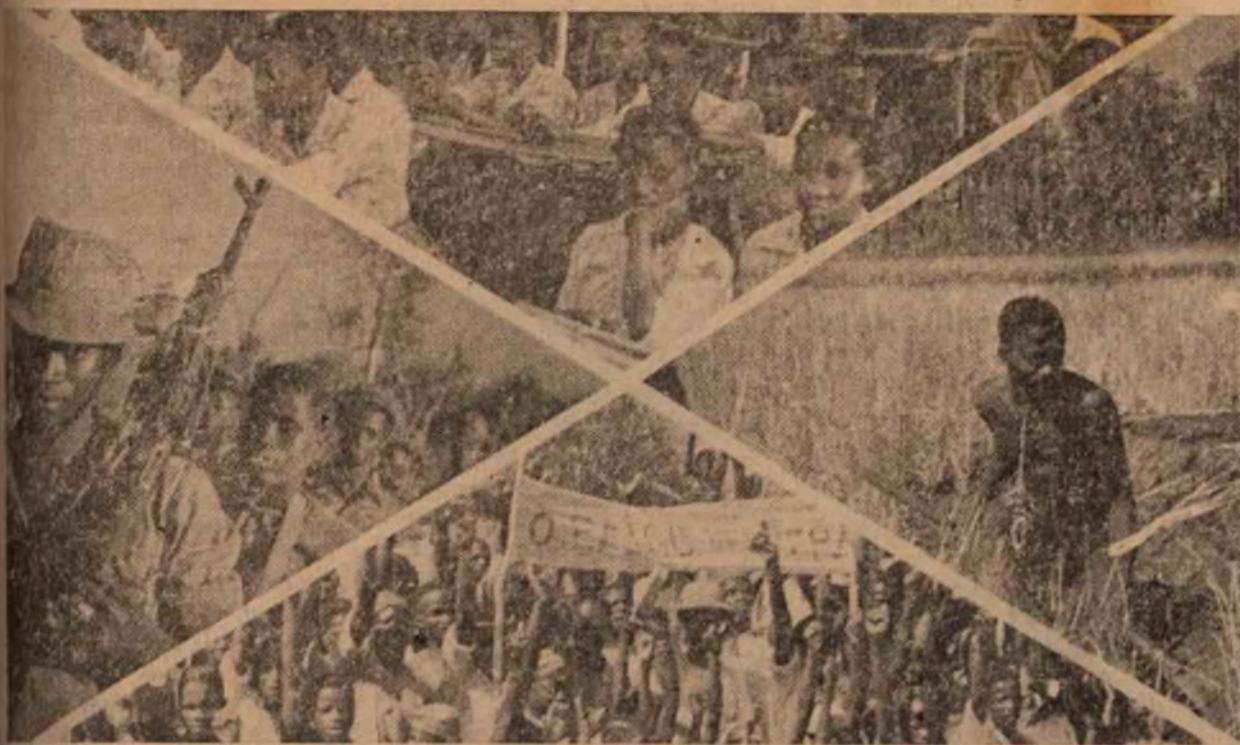
OUÇA A RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Dialemente das 8 às 8,30 em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,13 às 22,43 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36,40 e 43 metros. Aos domingos das 13 às 13,30 em 19,20, 25 e 26 metros.

UMA EMISSORA A SERVICO DO POVO PORTUGUÊS

O OBSCURANTISMO SALAZARISTA - XV
ABEL SALAZAR

Joaquim Barradas de Carvalho



A gravura acima reproduz o averso do cartão de boas festas para 67 que o PAIGCV mandou imprimir para enviar aos seus amigos espalhados pelo mundo...

'Temos feito tudo para desenvolver os nossos contactos, as nossas relações, não só com portugueses civis vivendo em Bissau, Bafata, Farim, etc., mas também com as forças armadas portuguesas. Podemos dizer aqui que nós temos escrito e obtido resposta de oficiais portugueses, o que mostra a nossa vontade de colaborar...

Recrutamento e Organização

Registramos com satisfação a publicação de mais um numero - o quinto - do jornal LIBERDADE, órgão da Frente Patriótica de Libertação Nacional. Transcrevemos abaixo, pelo seu interesse e actualidade o artigo 'Recrutamento e Organização' em que é tratado um tema a que nenhum democrata português pode ser indiferente...

F.P.L.N. não se sentem participantes e responsabilizados. Perder-se-ão na inactividade, perder-se-ão por não pertencerem a um organismo unitário actuante. Os organismos de base da F.P.L.N., sejam eles JUNTAS DE ACÇÃO PATRIÓTICA, ou tenham adoptado qualquer outro nome, são organismos secretos e com um numero muito limitado de membros. Portanto, os novos membros recrutados não devem vir aumentar o numero de militantes que compõem uma JAP, numero que deverá limitar-se sempre a 4 ou 5 pessoas.

os militantes consolida-se na acção, mas não devemos introduzir nas JAP pessoas que não mereçam já, pelo seu comportamento moral, profissional e cívico o apreço e a confiança dos seus vizinhos, dos seus amigos, dos seus companheiros de trabalho. Recrutar sem constituir novos organismos de base é perder quase totalmente o trabalho de recrutamento realizado. O trabalho de organização deve acompanhar, passo a passo, o trabalho de recrutamento tendo em vista o reforço de cada organização local, o seu desenvolvimento, a ligação com outros sectores, outras localidades, outras regiões.

Depoimento de soldados

'Este grupo que presentemente me rodeia, está reunido para discutir certos e determinados problemas que só aos homens de bem dizem respeito.' Com esta frase principia a carta que nos envia um jovem trabalhador que foi soldado em Angola. Da discussão coletiva dos tais scertos e determinados problemas que só aos homens de bem dizem respeito, resultou a decisão de escrever estas notas soltas, de dramatismo impressionante, onde se adivinha uma desilusão profunda, uma raiva bem vinçada e apenas contida.

Por isso vamos contar crimes cometidos pelo exército fascista e vistos com os nossos próprios olhos... Organizar é dar estrutura orgânica, funcional, a um sistema de ligações. Organizar é organizar a acção.

O fascismo é incompatível com a Ciência, com a Cultura, com a Arte. Todo e qualquer progresso no conhecimento do real fá-lo entrar em pânico, e Abel Salazar era um grande homem de Ciência, um grande homem de Cultura, um grande Artista.

Pequenas Notícias

- Uma delegação da Junta Revolucionária Portuguesa da FFLN, constituída por Rui Cabeçadas, Fernando Pereira e Pedro Ramos de Almeida avistou-se com um delegado da Junta Patriótica Portuguesa da Venezuela, Fernando Natividade, tendo sido estudadas novas formas de colaboração e analisados problemas politicos de organização.
A Embaixada norte-americana em Lisboa continua a receber diariamente dezenas de cartas protestando contra a politica de agressão e genocídio que Washington vem praticando em relação ao Vietnam.

Faz vinte anos que morreu Abel Salazar. Abel Salazar, Professor de Histologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, pesquisador de renome universal, pensador, filósofo, escritor, pintor, irrepreensível cidadão, alguém que foi uma das personalidades mais extraordinárias da vida portuguesa do nosso século.

Abel Salazar foi um daqueles homens raros na história de qualquer País. No nosso século, Portugal teve um Egas Moniz, um Jaime Cortesão, um Duarte Leite, um Aquilino Ribeiro. Tem ainda um Antonio Sérgio. Teve um Abel Salazar. Como grande que foi e, ao mesmo tempo, cidadão de um País em que um regime fascista-obscurantista detem o poder há quarenta anos, Abel Salazar não podia deixar de ser perseguido.

Mas as perseguições não terminaram com a sua morte. O fascismo salazarista teve medo de Abel Salazar, mesmo depois de morto.

Acabou os seus dias numa clínica de Lisboa. O seu enterro teve que percorrer o trajecto da capital ao Porto. A P.I.D.E. acompanhou o enterro, uma trágica marcha em que a P.I.D.E. intervinha para evitar que este seguisse o trajecto normal, cada vez que havia que passar por uma cidade. Desta forma a P.I.D.E. forçou o enterro a evitar Coimbra e outras cidades do percurso.

Mas as perseguições não terminaram com o seu enterro. O fascismo salazarista continua a ter medo de Abel Salazar, mesmo depois de enterrado.

A casa onde viveu Abel Salazar, no Porto, transformou-se, depois da sua morte, no Museu Abel Salazar. Este Museu existe, contra a vontade do fascismo salazarista. Em cada aniversário da morte de Abel Salazar, o Porto assiste a uma romagem de saudade - a saudade do Povo do Porto, do Povo de Portugal, pelo grande português. A P.I.D.E., as forças de repressão, têm novamente que intervir, têm anualmente que intervir. Abel Salazar continua vivo na memória do Povo. E o fascismo salazarista continua a ter medo de Abel Salazar.

O Rovo, e a Juventude, nunca se enganam. Ainda no Liceu, em Coimbra, por volta de 1938, liamos com entusiasmo, semanalmente, os artigos de Abel Salazar sobre a Escola de Viena - o positivismo lógico - no semanário de Cultura, de verdadeira Cultura, que era O Diabo, proibido pouco depois, tal como fora proibido Abel Salazar de dar aulas na Universidade do Porto.

TABELA DE ASSINATURAS

Table with 3 columns: País, Preço anual, Avulso Exemplar. Rows include Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Suíça, África do Sul, Portugal, Assinatura Especial para qualquer país, Via marítima Portugal.

(CONTINUA NA PAGINA 7)

atribu... necessi... que nos... os cam... INA 6)

NOVAS VITÓRIAS NA LUTA PELA LIBERTAÇÃO DOS PRESOS

Graças à acção dos anti-fascistas portugueses e à solidariedade internacional, novos e importantes sucessos se alcançaram, nestes últimos meses, na campanha a favor da libertação dos presos políticos.

Além da libertação de Maria da Conceição Matos e Joaquim Ribeiro, noticiada em nossa última edição, chegamos-nos informações de Portugal anunciando novas libertações de patriotas detidos pela PIDE. Entre outros anti-fascistas recentemente libertados contam-se **Armando Norte, António Moita Lima, Victor Miguel de Jesus Pires e V.M. Roque**, operários vidreiros da Marinha Grande, **Alexandre Almeida**, profissional de seguros, do Porto, e **Artur Bartolo**, industrial, de Espinho.

Estas libertações de presos políticos não significam que o governo fascista tenha abrandado a sua política de terror. A máquina repressiva de Salazar continua, cada vez com mais ferocidade, a atingir todos os sectores actantes da Oposição. Entretanto, a força da unidade de acção dos anti-fascistas portugueses e da solidariedade internacional pode impôr derrotas ao fascismo, como a que agora registamos.

"Portugal Democrático" ao regozijar-se com a libertação destes companheiros de luta, apela a todos os democratas portugueses, do interior e do exterior, para que reforcem, ainda mais, a unidade de acção na luta contra o terror e violência fascistas, a fim de apressar a hora da libertação de muitos outros combatentes pela Democracia.

SOFIA FERREIRA SERÁ LIBERTADA!

Os juizes do Tribunal Plenário, acabam de mostrar, uma vez mais, a sua condição de lacaios de Salazar e da PIDE. O pedido de indulto, apresentado pelo advogado de **SOFIA FERREIRA** ao Tribunal Plenário de Lisboa e ao "presidente" **Tomás**, foi indeferido sob a alegação de que competia à PIDE e não aos juizes, indultar presos.

Entretanto, por muito que pese aos juizes lacaios da PIDE, a valente dirigente operária, que já conta mais de 10 anos de prisão será libertada pela força da luta do nosso povo e pela solidariedade internacional que não cessam de se ampliar e intensificar.

Após a Conferência Canadense pela Amnistia em Portugal, que fez um apelo para que se intensifique a luta pela libertação de **SOFIA FERREIRA, VARELA GOMES, JOSÉ BERNARDINO e MANUEL SERRA**, símbolos da unidade anti-fascista, novas e poderosas acções de solidariedade se desenvolvem em todo o mundo.

E' a Organização das Mulheres de Liverpool (Inglaterra) que se dirige ao consul português naquela cidade britânica e ao Ministro da Justiça de Salazar exigindo a libertação de **SOFIA FERREIRA**.

E' a União Internacional dos Sindicatos de Trabalhadores Textéis, do Vestuário, dos Couros e Peles que, em nome dos seus 8 milhões e meio de aderentes, reclama do "presidente" **Tomás** e Ministro da Justiça a imediata restituição à liberdade de **Sofia Ferreira**.

Os juizes e carcereiros fascistas não conseguirão manter indefinidamente na prisão **Sofia Ferreira**, como é seu desejo. O fascismo cederá ao clamor nacional e internacional, libertando **Sofia Ferreira**, como teve que ceder, libertando, nestes últimos meses, **Albertina Diogo, José Rolim, José Vitoriano** e os anti-fascistas acima referidos.

CONTRA AS PRISÕES E AMEAÇAS DE DEPORTAÇÃO

A União dos Juristas Checoslovacos, na sua Conferência Nacional realizada em Praga de 15 a 16 de Dezembro passado, aprovou um memorandum dirigido ao Ministro da Justiça, **Antunes Varela**, em que protesta contra a prisão do advogado e dirigente católico **Dr. Francisco de Souza Tavares** e condena as "medidas de segurança" que, do ponto de vista jurídico, como afirma naquele documento, "violam não apenas o direito internacional (a Carta da ONU, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, Acôrdo da OTAN), como também as próprias leis básicas de Portugal, principalmente sua Constituição".

O Presidente da União dos Juristas Checoslovacos, endereçou ao mesmo Ministro de Salazar o seguinte protesto:

"Na referida conferência foi abordado, entre outras coisas, o decreto-lei de 24 de Setembro de 1966, n.º 47216, através do qual o Governo Português pretende pôr em pleno funcionamento o campo de concentração em Tarrafal, inclusive para os presos que deveriam cumprir suas penas ou medidas de segurança, nos cárceres de Portugal.

Os juristas checoslovacos condenaram com indignação o facto de que, na época em que a Humanidade procura solucionar seus problemas conforme os princípios da coexistência pacífica e liquidar, definitivamente, o despotismo e o monstro da guerra, possa existir ainda um Estado tentando fazer reviver a época dos campos de concentração nazi.

Portanto nos dirigimos a V. Exa., como representante da justiça em Portugal e pessoa a cujo critério cabe — pela formulação expressa do referido decreto — a última palavra, para que tome em consideração o facto de, já a simples existência de um campo de concentração de horribes torturas, como é o Tarrafal, significar um retrocesso ao terrível passado e que, para a Humanidade actual é insuportável a ideia de que o mesmo deveria ser posto em pleno funcionamento precisamente hoje, quando se aproxima o Ano dos Direitos Humanos, declarado pela ONU. Seria uma bur-

la à acção da ONU, organização de que é membro também Portugal.

Estamos convencidos que a tempo V. Exa. atenderá às exigências de toda a opinião pública democrática mundial impedindo que na história de Portugal seja inscrito um novo e horrível crime de genocídio ao aplicar a pena de privação da liberdade e medidas de segurança a presos políticos, cuja única culpa é procurar a restauração dos direitos e liberdades democráticas para o povo português.

Se atender nosso apelo e protesto, sua consciência não ficará carregada pelo sangue e morte de vítimas inocentes da PIDE na época em que a Humanidade se esforça pela solução de seus problemas tendo por base a convivência pacífica e procura liquidar, definitivamente, o despotismo e as guerras".

LATINO-AMERICANOS PROTESTAM

De 21 a 23 de Dezembro passado realizou-se na cidade de Freiberg o V Congresso da Confederação de Latino-Americanos residentes na República Democrática Alemã, no qual participaram cerca de 100 delegados e um representante dos estudantes portugueses na R.D.A.

O Congresso aprovou uma resolução sobre Portugal, consubstanciada nos seguintes pontos: — Envio de uma carta de protesto ao Presidente da República e Ministro da Justiça; remessa de um postal, por cada delegado presente ao Congresso, a um preso político português ou a sua família, desejando-lhe felicidades no novo ano; realizar no próximo dia 24 de Março — Dia do Estudante — jornadas de solidariedade aos estudantes portugueses nas cidades de Berlim, Leipzig e Dresden.

Transcrevemos a seguir o texto da carta enviada pelo V Congresso da CLARDA ao "presidente" **Tomás** e ministro **Antunes Varela**:

E' com a maior preocupação que temos tomado conhecimento da constante violação dos direitos do Homem em Portugal.

Desde há muito que o nome de Portugal anda ligado a nomes muito tristes como **Peniche, Caxias, Tarrafal, P.I.D.E.**, torturas e assassinios políticos, genocídio colonial, obscurantismo e miséria. Sabemos porém que 40 anos de aniquilamento físico e espiritual não têm conseguido domar a coragem de um povo que, como todos os povos do mundo, ama a liberdade e anseia a felicidade e a paz.

Também tomámos conhecimento de que o governo português publicou um decreto que autoriza a deportação dos presos políticos para as actuais colónias portuguesas. Iguamente nos chegaram rumores de que o governo de Salazar pensa introduzir em Portugal a "prisão indeterminada" que, como as chamadas "medidas de segurança" também significaria prisão perpétua para aqueles que cometeram o "delito" de amar o seu povo e querer a felicidade deste.

de Salazar tem roubado a paz e a felicidade a muitos lares. Isso fere também os nossos corações e revolta a nossa consciência porque o pensamento, o amor e a liberdade, o querer a felicidade de um povo, não são crimes. As prisões políticas sim, essas são um crime, um desafio à consciência dos povos e um ultraje à Declaração Universal dos Direitos do Homem de que Portugal é signatário.

Por isso exigimos de V. Exa.:

— Uma total amnistia para os presos políticos de Portugal e colónias;

— A libertação imediata da patriota **Sofia Ferreira**, do dirigente estudantil **José Bernardino**, de **Varela Gomes**, assim como os de **Agostinho Saboga, Lindolfo e Afonso Gregório** que estão em perigo de vida;

— Encerramento do campo de Concentração do Tarrafal e dos campos de concentração noutras colónias portuguesas onde estão sen-

abolição do decreto publicado no jornal oficial de 24 de Setembro de 1966, que permite a deportação dos democratas presos para as colónias portuguesas;

— Fim do genocídio nas colónias e independência imediata para as mesmas;

— Fim da repressão dos trabalhadores, da inteligência e dos estudantes portugueses.

O eixo Lisboa-Bonn

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 4)

pos temos as mesmas opiniões, as mesmas atitudes e sentimentos, como o governo português, a necessidade de fazer um esforço comum na defesa do mundo livre. Assim liga-nos a Portugal, não só uma velha amizade entre dois povos, mas ainda uma compreensão das necessidades comuns (...) Apreciamos particularmente a compreensão que Portugal tem mostrado para com o meu país." (Diário da Manhã, 21-10-1963)

(Cont.:us)



POMPAS FASCISTAS: Durante uma solenidade na Universidade de Coimbra, o almirante **Tomás**, esforça-se para não adormecer, enquanto a figura medieval do Reitor lê o seu discurso e o ministro da Educação **Galvão Teles**, se perde na contemplação do ombro presidencial.

RUMO À VITÓRIA

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 2)

cabo-verdianos, moçambicanos, timorenses, que, fazendo frente à selvática violência dos colonialistas, erguem intrépidamente a bandeira da liberdade e da independência dos seus povos. Tudo fazemos e faremos para ajudá-los a fim de que, o mais breve possível, se juntem à constelação dos estados africanos independentes, Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde, que escolha livremente o seu destino o povo de Timor, que se junta à mãe-pátria, à China, o povo de Macau. Os povos das colónias portuguesas são amigos, aliados, companheiros de armas do povo de Portugal. Os exploradores e opressores do povo português são os mesmos que exploram e oprimem os povos coloniais. Estes combatem, tal como o povo português, um mesmo inimigo: o governo fascista de salazar ao serviço dos monopólios nacionais e estrangeiros.

A aliança entre a classe operária portuguesa e os povos das colónias portuguesas é hoje uma aliança que se traduz em lutas poderosas e solidárias. Só uma incompreensão total do problema pode levar alguém a afirmar que essa aliança "está muito atrasada".

A luta dos povos das colónias portuguesas pela independência é uma ajuda poderosa à luta dos povos coloniais pela independência. O desenvolvimento do movimento nacional nas colónias portuguesas, particularmente as guerras libertadoras no norte de Angola e na Guiné, aprofundaram extraordinariamente a crise do regime fascista e abriram a sua fase final.

(1) Rumo à Vitória foi escrito em 1963, antes do início do levante armado do povo moçambicano.

Horácio Gradim
na Venezuela

No dia 8 de fevereiro findo, HORACIO GRADIM, o último dos asilados políticos que se acolheram à proteção de embaixadas latino-americanas saiu, finalmente, da embaixada da Venezuela em Lisboa, seguindo, de avião, para Caracas.

Gradim achava-se naquela sede de missão diplomática desde 15 de fevereiro de 1960, tendo quase completado 7 anos de asilo. Salazar acabou por ser derrotado em toda a linha, pois vinha exigindo, em troca da saída de Gradim um compromisso venezuelano de que não seriam aceites mais asilados. O Governo de Caracas manteve-se firme, recusando-se a admitir quaisquer condições. E levou a melhor.

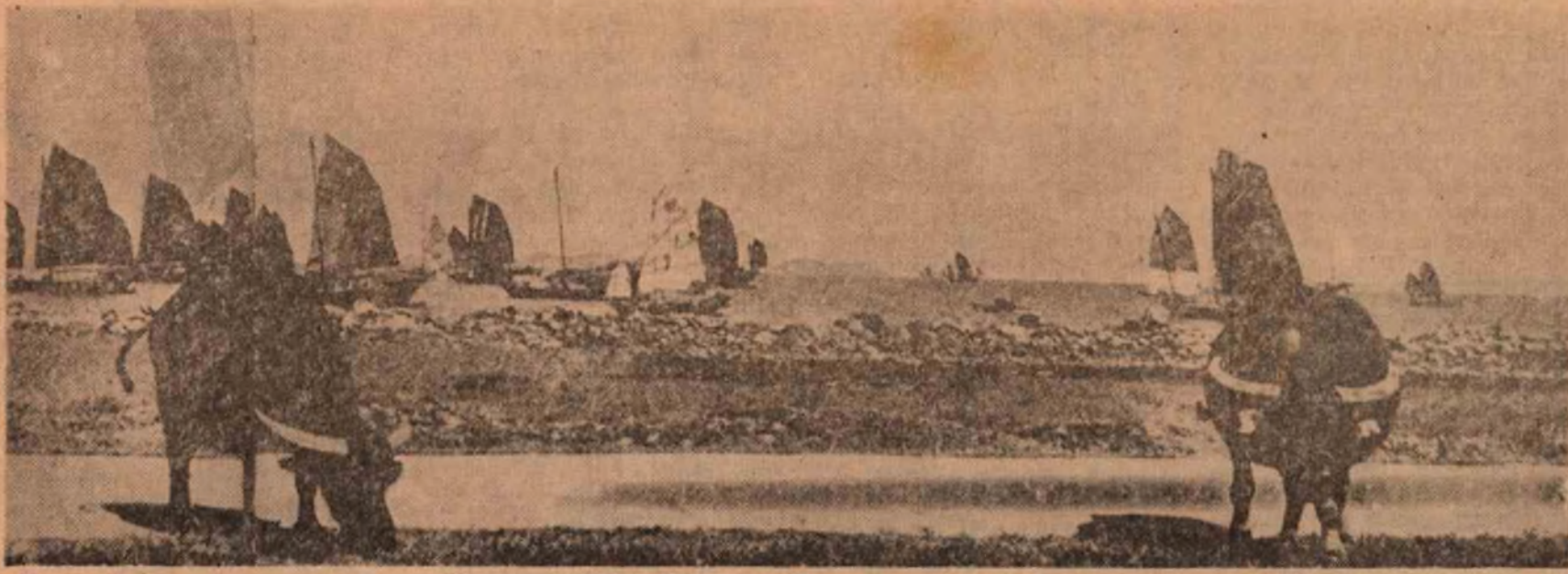
Gradim, que tem hoje 31 anos, dedicava-se à escultura antes de iniciada a sua odisséia.

Portugal
Democrático

Estranharão os leitores o atraso com que este número de "Portugal Democrático" lhes chegou às mãos. As circunstâncias em que o nosso jornal é feito — sempre em oficinas modestas e de poucos recursos técnicos — colocam-nos, entretanto sempre na dependência de fatores que se sobrepõem à nossa vontade. Desta vez, uma transferência de prédio da própria tipografia onde PD estava sendo composto coincidiu com as modificações introduzidas no transitório de São Paulo e que impediram durante muitos dias a mudança das máquinas já desmontadas. Daí o atraso.

A reunião num só número do material relativo a dois meses não veio aliás melhorar a nossa situação financeira que é, no momento, particularmente crítica. O recente aumento das taxas do correio, no Brasil, atingiu-nos duramente, tornando pesadamente deficitário o nosso orçamento, pois nele uma verba das mais importantes é justamente a da expedição postal.

Dirigimos por isso, uma vez mais, um apelo aos nossos amigos, espalhados por todo o mundo, para que venham em nosso auxílio com contribuições extraordinárias. Pedimos, por outro lado aos assinantes que ainda não saldaram as suas assinaturas para o corrente ano o favor de o fazerem prontamente. O novo preço da assinatura anual é de NCr\$ 3,00 (três cruzeiros novos) equivalentes a 3.000 cruzeiros velhos.



Acompanhando uma extensa reportagem mais jocosa do que dramática, sobre os acontecimentos de Macau, a revista "Jeune Afrique" publicou a gravura que acima reproduzimos com a seguinte legenda: MACAU OU PARADOXO DO COLONIALISMO PROTEGIDO PELA REVOLUÇÃO: TRAFICANTES DE TODOS OS PAISES, UNI-VOS.

A Cartola Verde do Senhor Cônsul

Francisco Vidal

Foi há muitos anos e foi no Extremo Oriente, mais exatamente na exótica, contrastante e fabulosa Hong-Kong.

O sr. Cônsul praticamente no início de carreira havia chegado pouco antes. Logo se deu conta que havia duas vidas na cidade. A de alto nível, se assim lhe poderemos chamar, vivida pelos funcionários de sua Majestade Britânica, os ricos comerciantes e os abastados industriais, morando em palácios e palacetes alcañorados nas colinas da cidade, com o ar condicionado — se é que o havia nesse tempo — permanentemente ligado, criadagem e mesa farta, onde figuravam iguarias providas dos mais diferentes e ajamados, sob esse aspecto, pontos da Terra, e a dos nativos, a dos donos da terra, os martirizados chineses, morando em tugúrios e sem as mais elementares condições de higiene ou de alimentação, subnutridos, desesperançados e desesperados, com excepção de alguns — poucos — que haviam enriquecido também, não raro colaborando para tornar a miséria do seu próprio povo ainda mais miserável.

O sr. Cônsul, jovem ainda embora não brilhante, inteligência limitada e ainda por cima bicolada pelas normas que o Estado Novo — apenas nascente — já começava a impôr aos portugueses e, a mais que ninguém, aqueles que têm a infelicidade de representar no exterior, em plena era moderna, uma mentalidade da Idade Média, o sr. Cônsul, dizíamos, sentia-se bem, embora um pouco deslocado pois não era suficientemente aquinhoado em libras para poder ombrear com os grandes senhores e as grandes damas das oligarquias locais, uma vez que, como é sabido, os diplomatas portugueses recebem, mesmo quando em serviço no estrangeiro, ordenados dentro do padrão "salazarento", bem longe daquilo que ganham os que representam povos mais felizes que o nosso.

Assim o sr. Cônsul deu-se conta que lhe faltavam, inclusive na indumentária, alguns dos atributos indispensáveis para que pudesse comparecer a certas reuniões sociais, onde tinha obrigação de estar presente, na sua qualidade de integrante do Corpo Diplomático.

O sr. Cônsul, como já disse acima, não se destacava pela brilhante inteligência, suprimindo-a com a pose, que conservou pela vida fora e que tantas anedotas provocou e continua provocando no Ministério. Mas também não era burro de todo, apenas em dose razoável.

vel, e não diferente da queorna os serventários da ditadura lusitana. Filho de um grande ator, um dos maiores que tivemos, no tempo em que havia arte em Portugal, ao tempo em que as limitações não obstavam inteiramente a que o talento se revelasse e fosse cultivado, secretamente ele se envergonhava da sua origem, pois, tradicionalista como convinha às novas idéias emanadas do poder absoluto então recentemente instalado em nossa pobre Pátria, considerava o ator como uma personagem secundária, se não terciária, na vida de uma nação, um personagem apenas tolerado, nunca apreciado. Do pai não havia herdado o talento, pois em matéria de dotes histrionicos não tinha nunca passado do estágio de palhaço.

Assim o sr. Cônsul cedo verificou que uma das reuniões a que não poderia comparecer era e corridas de cavalos, pois, embora tivesse fraque... não possuía cartola cinza! Resolveu então encomendá-la e mista menos que a Londres, onde, ao que parece, elas se fazem de encomenda e por medida, inteiramente dentro dos cânones que regem esta matéria. Simplesmente ao escrever a carta para conhecido chapeleiro londrino no seu inglês claudicante, enganou-se e, ao invés de dizer "gray", grafou "green"...

Não sei qual a reação inicial dos chapeleiros londrinos, creio que foi de espanto, logo afastado pela imperturbável frieza britânica, que não admitiu tivesse o sr. Cônsul se enganado, embora não percebessem a utilidade dum cartola daquela cor! E não estiveram com meias medidas: fizeram a cartola verde e expediram-na para Hong-Kong!

Que fez o sr. Cônsul? Não nos diz a história se, segundo os ditames de economia ditados por aquele que então era já o "dono de Portugal" a usou ou se contrariando-as simplesmente a guardou no armário, resolvendo ir, democraticamente (que heresia!) de... chapeu mole. Não sabemos o que se passou e lamentamos...

Mas, sabem os leitores quem era este cretino? Aquê le que no ano passado, agora já Embaixador e colocado no Canadá, onde representa o governo da ditadura, pretendeu protestar contra a Conferência de Amnistia, movimentando-se e fazendo, mais uma vez, figura ridícula, aquela figura ridícula que não tem deixado de representar desde que se considera gente. É esse mesmo, leitor, é o sr. Eduardo Brasão!...

Uma ameaça
ou um combate?

Ninguém põe em dúvida que existem democratas capazes, moral e tecnicamente capazes de substituírem os ministros e os grandes responsáveis da administração fascista. Ninguém põe em dúvida que no nosso país, os democratas, são os melhores. E é a tal ponto verdade que somos a maioria que o governo se recusa a submeter-se ao teste de eleições livres e honestas.

O problema português não se limita, portanto, em organizar um confronto de competências, mas em afirmar de modo inafimável uma competência política que se deverá provar pela real capacidade de promover lutas políticas que expulsem os salazaristas do poder.

A herança salazarista é trágica... e é cara. Os salazaristas não abandonarão o poder, mesmo em circunstâncias especialíssimas, se a isso não forem obrigados pelo povo, pela vontade do povo unido, pela violência popular.

Ninguém pense que o poder possa ser transmitido de Salazar a Marcelo Caetano, a Antunes Varela, a Gomes de Azeite ou a Américo Schults, perante a indiferença do nosso Povo.

Ninguém pense que o ditador liberalizará o regime ou que a Salazar possa vir a suceder um salazarismo decapitado.

Adriano Moreira, Daniel Barbosa ou Franco Nogueira serão os prisioneiros de um exército controlado pelos generais que Santos Costa fabricou: os Kaulzas, os Venancio Deslandes, os Gomes de Azeite.

Ninguém pense que uma democracia cristã possa sair das cinzas da instabilidade cristã do Cardeal Cerejeira ou do Prof. Cavaleiro Ferreira.

Os homens do fascismo continuarão a política fascista.

Os homens da repressão continuarão a política do terror policial.

Os homens da oligarquia financeira e agrária continuarão a política de explorar o Povo e de fomentar monopólios.

Os homens da guerra colonial continuarão a guerra colonial.

Os democratas devem unir-se, organizar-se, passar à ação. Não se deve negociar com os salazaristas, mas sim e sempre, combater o salazarismo.

Somos a maioria e temos a razão, nós os democratas portugueses.

E nós, os democratas portugueses, não queremos a herança salazarista.

Queremos conquistar a liberdade, constituir a Democracia, pôr fim à guerra colonial.

O nosso caminho tem um nome: é o caminho da unidade e da luta popular, é o caminho de mobilização popular e da aliança combatente das forças populares, democráticas e patrióticas.

(Transmitido pela «Rádio Voz da Liberdade», Argel)

Natal do Prêso Político

A campanha do "Natal do Prêso Político", promovida pelo nosso jornal rendeu este ano 1.410.000 cruzeiros (um milhão quatrocentos e dez mil), quantia que enviaremos dentro de dias ao presidente da Comissão Nacional para a Amnistia.

Publicamos abaixo a lista dos últimos donativos recebidos:

TRANSPORTE	150.000
Luiz do Nascimento Ferreira	10.000
Avelino Alves Ferreira	20.000
Capitão Francisco Pimentel	5.000
Manuel Soares	5.000
F. C. Santos	10.000
Assumpção Neves	5.000
Manuel Rodrigues	5.000
Produto obtido com a venda de quadros	1.200.000
Total	1.410.000

PD na Costa Rica

Apesar de todas as dificuldades de ordem material e técnica com que lutamos, "Portugal Democrático" tem saído regularmente e a sua expansão não cessa de aumentar. A melhor recompensa para o esforço dos que constituem a equipe de PD é a verificação de que o jornal contribui realmente para a divulgação da luta do povo português contra o fascismo. Da Costa Rica chegamos, por exemplo, uma carta de J. N. Mourelo, diretor de "El Sol" em que aquele democrata costariquense nos informa que dois artigos publicados em nossas colunas ("Portugal Dominado pelo Imperialismo" e "Varrer o Fascismo da Terra Portuguesa") foram lidos aos microfones de Radiolandia, de San José, pelo próprio director da estação José Bulgarelli, ex-deputado.

RÁDIO VOZ DA
LIBERDADE

Ouçã a emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional às quartas e sábados, a partir das 01,15 (hora de Portugal) em ondas curtas de 25 31 e 49 metros e médias de 230 e 320 metros.

UMA EMISSORA A
SERVIÇO DO POVO
PORTUGUÊS

PORTUGAL DEMOCRÁTICO
R. Cons. Portugal, 101 — SP, Brasil
Endereços de Assinantes